

**LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA**

**Adria Letícia de Avelar  
Bárbara Ilani Munari  
Eltor Breunig  
Erna Lúcia Bottega  
Filipina Machado Beckenkamp**

**4º ANO DE LETRAS****Preliminares.**

A Literatura Infantil, como os demais ramos das letras, consideramo-la expressão geral da cultura de um país, com profundas raízes no passado, ligada aos sentimentos do povo, suas tradições e aspirações. Mesmo que ela só recentemente tenha se destacado como gênero específico, com aspectos técnico-formais caracterizados, muito antes já existia em formas de comunicação oral ou documentos escritos.

Para um estudo amuçado, portanto, teremos de remontar às origens, sob forma de tendências gerais e demais nítidas expressões da cultura.

Para esclarecer o tema da literatura infantil, devemos associá-la ao conceito da transmissão geral da cultura e dela extrair a caracterização evolutiva pressuposta. Torna-se, pois, mister examinar a tradição oral em povos antigos (da qual muitos temas ainda sobrevivem), referir-nos à transposição deles para a escrita, assinalar a especialização crescente e resumir, enfim, esses dados numa tábua cronológica, expondo e confrontando opiniões de cultores da matéria.

Após, referir-nos-emos ao histórico da literatura infantil no Brasil, desde a linguagem falada, enriquecida em idéias, sentimentos, mitos e crenças, com a confluência das três raças, de cujos temas se nutre muito nossa literatura destinada a crianças. Continuamos abordando o aparecimento dos livros didáticos, traduções, gêneros, Monteiro Lobato, teatro infantil, literatura religiosa, revistas e jornais, tendências atuais (histórias em quadrinhos).

**Conceituação da Literatura Infantil.**

Segundo Bárbara de Vasconcelos de Carvalho, Literatura infantil é "todo o acervo literário eleito pela criança: tudo aquilo que, depois de sua aceitação, se fixou e se imortalizou através dela", isto é, uma literatura que se pretende endereçar à criança, mas que só será LITERATURA DA CRIANÇA, quando ela a eleja. Muitos são os que escrevem para crianças, mas nem todos conseguem consagrar-se por sua aceitação, e permanecer.

A Literatura Infantil cria disponibilidades para a criança descobrir e cultivar seus valores, abrindo as portas da inteligência e da sensibilidade, para sua formação integral. Mesmo que a criança viva o maravilhoso-real da era espacial, precisamos dar-lhe também o maravilhoso-fantástico no cotidiano, enriquecendo sua linguagem, sua imaginação, sua sensibilidade.

**Caracterização da Literatura Infantil.**

É embaraçoso saber se a Literatura Infantil inclui apenas o livro

escrito para crianças ou, também, o que lê a criança, embora originariamente não lhe fosse dirigida nem se tornasse nunca sua exclusividade.

Enfocamos aqui a Literatura Infantil mais na sua realidade, nos seus valores, nas suas expressões, como um ramo da literatura, do que nas suas orientações educacionais, o que compete à didática.

A Literatura Infantil é funcional. Não a podemos estudar dissociada do seu leitor, que é a sua razão de ser, pois o livro infantil tem destino marcado: recrear a criança, educando, se possível, e favorecendo o desenvolvimento de sua inteligência.

A literatura infantil é por essência desinteressada, no sentido do ensino sistemático, embora deva ser educativa e possa ser instrutiva. Seu fim é emocionar artisticamente a criança, pelo sublime, pelo cômico, pelo patético, pelo trágico, pelo pitoresco ou pela aventura e, ao mesmo tempo, despertar-lhe a imaginação, aperfeiçoar-lhe a inteligência e aprimorar-lhe a sensibilidade.

O livro deve ser um deleite para a criança, fazendo germinar o amor pela leitura e a curiosidade pelas coisas, através da estória, e seu desfecho. Ser fácil sem ser banal, escolher termos compreensíveis, mas que alarguem o vocabulário, evitar o estímulo a cometer erros, mesmo que sejam afinal punidos.

“Não basta que o escritor redija de forma a atrair a candura dos pequenos leitores; será necessário compor com simplicidade, sim, mas com limpeza — sem plebeísmos grosseiros, sem expressões de gíria, nem insistentes modismos do linguajar infantil. Assim como a concepção, a forma há de ser bela e há de começar a revelar-se na estrutura ou composição geral, provida de equilíbrio”.

Dentre as condições ou exigências para o livro infantil, são fundamentais:

a idade — uniformidade e assunto apropriado ao desenvolvimento do leitor;

a linguagem — deve ser simples mas corrente, usar formas familiares, ser correta, sem erros e impropriedades de palavras, sem palavras difíceis e sem preocupações gramaticais exageradas.

A literatura infantil é sempre normativa, pois enquanto o leitor comum julga o livro, a criança o aceita.

#### **Fontes da Literatura Infantil.**

As grandes fontes da Literatura Infantil são universais, as do folclore, contos, fábulas, apólogos, estórias da carochinha, lendas, depois as aventuras, as gestas de heróis e bandidos, vidas de grandes homens, jogos e brinquedos, rodas e cantigas. A invenção do enredo não será fundamental, fundamental será seu modo de tratar, o relevo a ser dado e a ênfase a se atribuir aos episódios.

**FOLCLORE** — a grande matriz da Literatura Infantil, pelo fabuloso, pelo trato dos assuntos e pela semelhança entre a mentalidade infantil e a primitiva. O mundo dos seres sobrenaturais, fadas, bruxas, ogres, gnomos gigantes, objetos mágicos tocados de sortilégio, metamorfoses, o animismo, as estórias de bichos faladores, são uma constante atração

para a garotada. A poesia infantil mais interessante é a folclórica.

**MITO** — A Literatura nasceu com o mito: resposta às indagações e interpretações do homem primitivo, através da “criação” e “qualificação”, que são também etapas do desenvolvimento da imaginação da infância da humanidade. O mito é o primeiro estágio da arte de narrar, pela sua vinculação com o sobrenatural (superstição); é uma narração que procura explicar fenômenos naturais, através de crenças, próprias da problemática mitológica; é primitivo, amoral; sua ação situa-se fora do tempo e do espaço; é a expressão poética mais pura, com triplíce vertente (folclórica analógica ou mística, heróica); é patriarcal e polígamo; é o estágio primário da epopéia, a própria epopéia da humanidade, a mais notável fonte de mensagem dos povos; é o sonho coletivo dos povos; está intimamente ligado à linguagem, e esta, por sua vez, ao conhecimento, considerando-se que a elaboração ideacional que conduz aos conceitos verbais primários abre um imprevisível campo de atividade da linguagem e de complexidade da lingüística, tudo baseado no livre poder criativo originário.

**LENDA** — é uma narração localizada, porém fantástica; apresenta local e personagens determinados, embora a ação seja fora da história.

**CONTO** — Reputadamente, mito, lenda e conto eram, indistintamente, apenas narrativas. Mito e lenda conservam suas vinculações tradicionais; o conto, porém, evolui, refletindo as influências da civilização. O conto é social e monógamo; é ético.

Teríamos então: Mito, forma mais antiga; Lenda, evolução do mito; Conto, último estágio.

**FÁBULA** — u-na pequena narração de acontecimentos fictícios, que tem dupla finalidade: instruir e divertir. Pequena composição que encerra grande filosofia, é representada por animais, ou animais e homens. Chama-se apólogo quando seus interlocutores são animais e seres inanimados, e parábola quando é racional, representada só por homens. É uma alegoria, uma prosopopéia, um produto ético da imaginação humana. Seu criador foi Esopo. É expressão de uma sociedade já adulta e cética, por isso mesmo pouco educativa. É uma mensagem moral às avessas, pois explora os sentimentos menos elevados. A fábula moderna já apresenta um novo aspecto psicopedagógico: aí os animais são animais e interessam às crianças, desenvolvendo-se uma crítica construtiva. Seu novo gênio animador foi Walt Disney e, entre nós, Monteiro Lobato.

**FADAS** — constituíram sempre uma atração considerável para as crianças. Muitas deixaram de ser gênios exclusivamente do mal e passaram a amigas e protetoras dos gurus. As Fadas são de alto valor cultural, pela beleza, que cultiva a emoção; pelo otimismo e a força de querer realizar; pela vitória do bem, do correto, do caráter, da justiça.

**AVENTURAS** — seu campo é interminável e de estranho sortilégio para as crianças, que admiram os heróis e os valentes, os audazes e os destemidos, em suma, toda a gama da coragem, de qualquer forma que se apresente, inclusive nos bandidos.

## Evolução da Literatura Infantil.

Evolução da Literatura Infantil	<b>Imaginismo</b> Séc. XVII (época clássico-barroca)	Contos de Fadas
	<b>Didatismo</b> Séc. XVIII (Arcadismo)	{ Fábula Aventura Moralismo
	<b>Idealismo</b> Séc. XIX (Romantismo)	Folclore — Alemanha { Liberalismo — França Nacionalismo — Itália Crítica — Inglaterra
	<b>Psicologismo</b> Séc. XX (Sincretismo e Cientificismo)	{ contos poesia folclore fábula teatro ficção científica

Século XVII — Mesmo que as grandes fontes da Literatura Infantil remontem à antiguidade, ela só começou a surgir para as crianças no século XVII. Antes, as fábulas vindas do mundo antigo (Índia e Grécia) eram traduzidas durante a Idade Média, com adaptações locais; eram compostas de narrativas, especialmente poemas, cujo fundo era de inspiração popular, mas feita ao correr do tempo.

A literatura para crianças, no entanto, começa apenas com Perrault, o clássico infantil, no século XVII, e com Fénelon, em caráter didático.

Embora não fosse uma literatura tecnicamente perfeita e infantil, do ponto de vista psicológico e pedagógico, foi fixado o seu aparecimento no século XVII, porque houve a partir daí a intenção de escrever para menores.

FÉNELON — com o fim de instruir e educar o neto de Luís XIV, escreveu a obra "Telêmaco", que é considerada um tratado de educação. Compôs fábulas de inspiração grega e mitológica, baseou-se em La Fontaine, seu contemporâneo. Escreveu ainda um "Tratado da Educação dos Jovens". Sua obra "Ilha dos Prazeres" é de cunho didático, instrutivo e moralista.

CHARLES PERRAULT — não escreveu literatura da criança ou para a criança, mas até hoje e em toda a parte encanta a criança. Foi com a obra "A Mãe Gansa", publicada em 1697, na França, que despertou a Literatura Infantil, dando início ao seu interesse e, conseqüentemente, à Literatura para a criança. Ele prima pelas metamorfoses, pelo movimento. Linguagem pura e simples, ao lado da correção de um belo

estilo; cheio de sutis ensinamentos, mas sem o fastidioso moralismo, seus ambientes são os mais variados, suas personagens são de todos os níveis sociais. O realismo foi uma de suas características. Não determina em suas personagens a bondade, a maldade, a virtude, o vício; elas se caracterizam e se impõem pela arte. Na verdade, ele não criou suas belas estórias infantis, o seu trabalho foi colhê-las e adaptá-las. Recolheu o folclore, a tradição e transformou-os numa verdadeira obra de arte. "Gato de Botas", "Cinderela ou Gata Borralheira", "O Chapeuzinho Vermelho", "Branca de Neve", são obras a que Perrault deu novo encanto, animando-as com seu cunho individual.

Nesse século circularam pelo Oriente até à Europa as estórias e as fábulas. A Literatura Infantil recebeu o seiscentismo barroco, caprichoso e requintado. A estética do classicismo faz-se evidente, observando-se o seu sentido universalista, através de tipos, caracteres e situações.

**LA FONTAINE** — incomparável fabulista, fez renascer toda a sociedade fáunica de Esopo e Fedro, numa festa de animais, de cenário e de movimento. Deu grandeza à fábula, humanizando-a e tornando-a viva e acessível às crianças. Foi assim o grande, o imenso precursor da Literatura Infantil!

**Século XVIII** — Dá novo rumo à Literatura Infantil, quando ela aparece na Inglaterra em forma própria, com o livro destinado às crianças.

O iluminismo científico, desprezando tudo que era irracional, relegou a fantasia das estórias de fadas e encantos. A razão contrapõe-se à fantasia e a própria fantasia dos contos passa a ser estudada à luz da razão. Entra-se na cogitação do sentido lógico das fábulas e das estórias, procurando explicá-las por símbolos, interpretando-as através do eruditismo do século do enciclopedismo. Vamos encontrar nesse século:

**JANATHAN SWIFT** — inglês, que jamais pensou em escrever para crianças e, no entanto, sua obra tornou-se um deleite para a garotada. Vivendo nos fins do século XVII e metade do seguinte, época de corrupção e maldade, Swift, de caráter amargo e revoltado com a humanidade, resolve fazer uma sátira implacável ao homem, ao governo e à sociedade inglesa de sua época, com suas famosas "Viagens de Gulliver". Ali, o fantástico é tão maravilhoso que os jovens nem vêem a sátira cruel castigando a sociedade.

**DANIEL DEFOE** — inglês, traz ao cenário uma notável obra, "Robinson Crusoe", livro que fascinou as crianças, ainda que não tenha sido dirigido a elas. Relatando as aventuras de Robinson, Defoe instrui pelo exemplo e honra a sabedoria da Providência.

A fantasia das obras imortalizadas de Swift e Defoe maravilha a juventude pelas suas feições, transformando em sonho e poesia a dura realidade.

**ERICH RASPE** — publicou, em 1785, com grande êxito, as "Aventuras do Barão de Münchhausen", uma série de aventuras absurdas e plenas das mais extravagantes mentiras, que divertem e seduzem a criança.

Podem-se incluir também, nesse século, adaptações históricas da Bíblia, como a história de José no Egito; as histórias dos "cavaleiros andantes"; a Canção de Rolando, que narra feitos de Carlos Magno; "Jerusalém Libertada", de Torquato Tasso; as aventuras de "Dom Quixote de la Mancha", de Cervantes.

Os Contos de Fadas, de Madame d'Aulnoy, tiveram larga aceitação, bem assim como os de Madame La Prince de Beaumont, que são "O Príncipe Encantado", "A Bela Adormecida", "A Bela e a Fera", "O Manual da Juventude", e outros.

Os escritores do séc. XVIII estão sob a influência de Rousseau. Seus ensinamentos e sua filosofia marcaram muitos autores e obras da época, sendo a literatura mais endereçada ao adolescente, sacrificando, em parte, a literatura da criança, no seu sentido maravilhoso, devido ao seu caráter científico.

**Século XIX** -- A Literatura Infantil é produto do séc. XIX, nascida de preocupações educacionais, quando se compreendeu a necessidade de despertar na criança o gosto pela leitura e de lhes facilitar conhecimentos gerais, tudo dentro de uma expressão de arte. Dois temas são constantes nessa literatura: o maravilhoso, o simbolismo. Há em tudo uma ordem humana, ensinando o bem, condenando o mal, exaltando os tenazes, fortalecendo a confiança no esforço ou mesmo na própria sorte.

Agora, a Literatura Infantil começa a despertar grande interesse. Na Inglaterra, entre outros, aparecem "Peter Pan", de Barrie e "Alice no País das Maravilhas" e "Alice no País dos Espelhos", de Lewis Carol, obras que dão uma visão nova da vida, do segredo das leis que nos regem, do poder oculto das coisas... Em Portugal, Eça de Queirós mostra-se deslumbrado com o florescimento da verdadeira literatura para crianças. Na Alemanha, os irmãos Grimm, com seus contos (Märchen), são recebidos com interesse pelas crianças, aproveitando contos populares que ainda hoje se multiplicam em todos os países e línguas. Mas foi o dinamarquês Hans Christian Andersen o criador desse gênero (Märchen), colhendo-as na tradição oral e transformando-as para crianças. Além de tirar contos do populário, inventou com qualidades excepcionais para descrever a natureza, conciliar a realidade com a fantasia e dar a lição constante de que é preciso vencer os perigos e tropeços da vida pelo esforço. Tratou o maravilhoso com intenso lirismo. A moralidade em sua obra é uma doce e leve mensagem: não corrigir o vício, nem premiar a virtude, mas apenas mostrar que o maior prêmio à virtude é o privilégio e a beleza de tê-la na alma. "Só as pessoas de mau caráter são vaidosas e convencidas..."

Mesmo que as fábulas, as histórias de bicho, as moralidades sejam imemoriais, sua adaptação para a infância foi conquista da nova expressão literária do século XIX.

#### **O Aparecimento da Literatura Infantil no Brasil.**

A Literatura Infantil começou a aparecer no Brasil, no século XX, nos livros didáticos e traduções, quando a escola se tornou risonha e franca.

O "Contos da Carochinha", do jornalista Alberto Figueiredo Pimentel apareceu em 1894 e foi nosso primeiro livro no gênero. Trata-se de uma adaptação de estórias do folclore mundial ou por ele colhidas na tradição oral, em forma interessante, embora sem o necessário cuidado na linguagem. Diante do sucesso de sua acolhida, publica também "Histórias da Avozinha", "Histórias da Baratinha" (Contos de fadas), "Álbum das Crianças" (poesias), "Teatrinho Infantil", "Os Meus Brinquedos" (cantigas de berço, jogos e brincadeiras).

Houve nessa época uma oscilação entre o livro escolar e o infantil. Vamos ater-nos mais ao último.

Em 1915, o Professor Arnaldo de Oliveira Barreto cria a "Biblioteca Infantil", adaptando estórias de livros famosos ou contos folclóricos em geral. Foi o "humanista" da Literatura Infantil, o mais notável e pródigo tradutor dos autores de todo o mundo, assinalando um passo decisivo, uma renovação, com a divulgação dos maiores poetas da Literatura Infantil.

#### Gêneros na Literatura Infantil.

Gêneros	Narrativo	Conto { lírico épico - ou heróico fábula — ético - didático
na		
Literatura Infantil	Figurativo — poesia - épica ou heróica	
(prosa e verso)		{ humano bonecos
	Representativo — Teatro	

#### A Poesia Infantil Brasileira.

"Poesias Infantis", de Olavo Bilac, foi um dos primeiros livros clássicos da nossa Literatura Infantil, livro que o menino lê por prazer. Em assuntos cívicos, noções de História ou de tradições, sentimentos de amor e de ternura e pelo ritmo da poesia transmitido aos meninos. Bilac deu à nossa juventude obra de encanto artístico e proveito educacional. Uma poesia fácil e atraente flui de um verso com grande musicalidade, imagens simples e incisivas e um modo sempre sensibilizante de falar às crianças.

Os nossos poetas não sentem grande pendor pela poesia infantil, o que a faz demasiadamente pobre e de interesse secundário. Mesmo os grandes poetas, quando falam à criança, preferem a prosa.

Dentre os poucos que fizeram poesias para as crianças pelo valor delas e não como meio de historiar, temos José Correia Júnior, Presciliano de Almeida, Martins d'Álvares e poucos mais. Temos ainda Olegário Mariano (Tangará Conta Histórias), Guilherme de Almeida (O Sonho de Marina), Murilo de Araújo (A Estrela Azul), umas poesias esparsas de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e, publicado neste ano, com enorme sucesso entre a garotada, temos "Pé de Pilão", uma coletânea de poesias infantis do gaúcho

Mário Quintana.

### O Conto Infantil Brasileiro.

O conto é a forma predileta e a mais adequada em toda parte. Dos nossos, muita coisa é adaptação de contos famosos ou de livros célebres. Na nossa ficção, tem-se aproveitado figuras de nosso folclore, ambientes de nossa vida, tradições nacionais e o fabulário, incorporando nossos bichos com engenho e habilidade. A colaboração dos escritores brasileiros na Literatura Infantil estimulou vocações e deu originalidade ao gênero.

O número de autores de contos e novelas infantis é muito grande, pois é a forma para os contos de fadas, estórias de aventuras, fábulas, lendas, etc. Dentre os muitos, podemos citar: Olavo Bilac, Coelho Neto, Érico Veríssimo, Júlia Lopes de Almeida, Viriato Correa, João do Rio, Orígenes Lessa, Lourenço Filho, Raimundo de Moraes, Osvaldo Orico, Lúcia Migue! Pereira, Afonso Schmidt, Menotti del Picchia, Leonor Posada, Oswald de Andrade Filho, Gondim da Fonseca, Graciliano Ramos, Godofredo Rangel, Josué Montelo, Osório Duque Estrada, Wilson Rodrigues, Humberto de Campos, Tales Castanho de Andrade, Armando Brussoio, Hernâni Donato, Renato Sêneca de Sá Fleury, Luís Gonzaga Fleury, Ofélia Fontes, Francisco Marins e muitos outros.

Como já se disse, muita coisa tem sido adaptada e os temas folclóricos brasileiros não são constantes. Há muito conto de bicho, onde o folclore está presente, mas, de um modo geral, o folclore brasileiro é ainda um tema a considerar com maior desvelo.

Os contos de fadas, no Brasil, constituem o assunto mais versado na Literatura Infantil. Mesmo com suprimentos do folclore local, são quase só adaptações; só há originalidade na apresentação da fada e sua ação, mas de novo nada criamos.

As aventuras revelam uma preferência na garotada, pois impressionam pela audácia, coragem, amor ao perigo, proteção aos fracos, e são fascinantes a todas as idades.

A novela policial, condenada pelos pedagogos, como capaz de despertar uma excitação emocional e de comprometer a sua adaptação à vida comum, tornando os colegiais turbulentos e agressivos, tem sido preocupação constante de todos que se empenham com a educação.

### Monteiro Lobato — Escritor da Criança.

Monteiro Lobato foi o nosso grande escritor, na obra de ficção para crianças, criando um estilo próprio, acessível e gracioso, que faz o primeiro encanto de seus livros. Ele realiza a literatura infanto-juvenil brasileira em 1921 com o seu primeiro livro para a gente pequena — Narizinho Arrebitado — que foi o “abre-te sésamo” do encantado mundo infantil. Este é o primeiro de uma obra que se encerra com os doze trabalhos de Hércules, em 1944, num total de 32 histórias originais e 7 adaptações, transportando o leitor a um mundo maravilhoso e divertido, onde tudo é encanto e sabedoria.

Lobato foi um dos mais brasileiros dos escritores nacionais. Lendo, conhecendo e vivendo a sua obra, forma-se o sentimento de



justiça e beleza e de admiração pelos valores humanos, pelo amor à verdade, a tudo que é digno e sadio. Sua obra não é apenas recreação: é cultura e reconhecimento. A aprendizagem é uma constante, os conhecimentos fluem de cada sentença, informando e formando com leveza e graça. Seus livros "Aritmética de Emília", "Emília no País da Gramática", "Geografia de D. Benta" instruem e divertem.

Lobato sabia que não se fala à criança sem dizer nada, algo de sério e verdadeiro. Toda história tinha um fundamento, um ensinamento prático.

Lobato possuía o dom de comunicar-se com a criança e conquistá-la, porque ele conseguia identificar-se com ela. Ele é a síntese de suas personagens; representativas ou simbólicas, em cada uma existe uma parcela psicológica e moral do autor, ou uma parcela de crítica ou satirismo.

Em Pedrinho, temos o caráter, a aversão à mentira, a personalidade voluntariosa, a coragem. Em D. Benta, o livre pensador, apontando as injustiças e tudo que trai a verdade. Emília é o seu "eu" inconsciente; ela é uma fadinha sem mistérios, mais humanizada, mais igual, que convive com a criançada.

Poder-se-ia dizer que em Lobato tudo é mais convincente. A "varinha mágica" era representada pelo pó de pinimpimpim, aspirado e agindo como se fosse uma grande descoberta científica. O Visconde de Sabugosa é a sua maneira de criticar a ociosidade e a inutilidade da erudição.

Lobato não esqueceu o folclore e o revive de uma maneira que transporta o pequeno leitor e o faz viver as aventuras com todo o seu ser. Tia Nastácia e Tio Barnabé fazem as crianças conhecer os mitos do "Lobisomen", da "Mula-sem-cabeça", o "Saci".

Tudo é trazido às crianças de uma forma direta, atraente. As histórias são vividas por toda a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo e são contadas praticamente pelas próprias crianças. Ele conseguiu que seus personagens abandonassem as páginas de suas obras para viverem livremente, recriados na imaginação de cada um.

Quanto às fábulas, ele as tornou bem nacionais. O vocabulário que Lobato emprega é bastante simples, mas cheio de vida. Ele não apenas adaptou algumas fábulas, como também as criou. Entre as de sua própria autoria estão "Os Dois Viajantes na Macacolândia" (uma sátira aos costumes) e "A Cigarra e as Formigas", tão bem conhecida entre nós.

As crianças saíram do Sítio, com a ajuda do pó de pinimpimpim e ficavam embevecidas com tudo, com o fantástico mundo da mitologia grega, com as proezas de Hércules, que Emília simplesmente chamava de Lelé, companheiro das caçadas a monstros mitológicos.

Reinações de Narizinho é a mais rica estória-fábula de Lobato. Possui uma linguagem estupidamente colorida, explorando de um modo encantador as formas onomatopaicas. O que, no entanto, deve-se ressaltar é que, em toda a obra de Lobato, mais especialmente nesta última, há neologismos, como "pó de céu-sem-nuvens", "camaronando",

“pó de sol-que-acaba-de-nascer”... Através de Emília, ele criou os pitorescos neologismos como, “cavalência”, “rinocerontino”,... e a linguagem de Emília, quando de sua aventura nos 12 trabalhos de Hércules, é típica de criança e muito engenhosa, conseqüentemente. Ela era a “dadeira de idéias”, como disse a Hércules certa vez.

Lobato marcou a Literatura Infantil Brasileira. Ele é seu gênio criador.

#### **Outros gêneros de Literatura Infantil.**

A viagem é outro centro de interesse para a criança e, pelo seu aspecto instrutivo, pelo elemento fantasia, sem excitar por demais a imaginação, pelas variedades de quadros e pela atração do exotismo, tem sido o gênero de todas as literaturas infantis.

A literatura religiosa foi sempre preferida pelas crianças, que se emocionam com a Paixão de Cristo, adoram a fantasia dos taumaturgos sensibilizam-se com a vida do Menino Jesus, divertem-se com episódios bíblicos e se edificam com as forças de devoção e os ensinamentos espirituais. Além de traduções e adaptações, tivemos no Brasil livros de vários autores.

A divulgação científica, além de Lobato, teve destaque com Júlio César de Melo e Sousa e Ariosto Espinheira.

Pergunta-se se cabe incluir na Literatura Infantil as Enciclopédias, cuja importância é considerável para os adolescentes. Valem, sobretudo, como lições de coisas. Toda forma de ensinar e educar pelo deleite espiritual, fazendo com que o menino se sinta interessado a ponto de querer conhecê-lo melhor e, através dele, abranger maior soma de informações intelectuais, é altamente produtivo, pois as crianças aprendem através da literatura. As enciclopédias, pela variedade de matérias tratadas, favorecem ao pequeno leitor acompanhar suas predileções ou norteá-las.

O Teatro Infantil vai agora assumindo aspecto mais importante, com a valorização da ação dramática e do elemento cênico. O que importa é o teatro para as crianças assistirem; um teatro real e não imitado.

A música e os cantos infantis são grandes elementos de diversão e de ilustração. Na literatura, muitas histórias infantis podem ser dramatizadas com o auxílio musical e, assim, utilizadas da melhor forma.

A revista infantil surgiu no Brasil, em 1905, com o Tico-Tico, com êxito extraordinário. Depois estas revistas se multiplicaram e já existem em número avultado. Os jornais e revistas têm maior penetração ainda do que o livro, pois são mais acessíveis à criança.

As histórias em quadrinhos são vistas como um prejuízo sério e grave para a criança. É um fato novo, uma linguagem nova, um dos prejuízos mais sérios dos tempos modernos causados à infância e à juventude, mas que já venceu e cumpre então que procuremos corrigir nos limites do possível, minorar os males que causa. O desenho, geralmente detestável, tira a possibilidade de imaginar; o texto não serve para contar, diz apenas o que está desenhado, a leitura é precária, sem provocar qualquer meditação. É uma linguagem nova, infelizmente

pobre e delimitada, e o mal cresce, pois os que na infância se habituam a essa linguagem, continuarão a utilizá-la quando adultos, o que já está causando a quadrinização de livros de toda a espécie.

#### **Panorama Atual da Literatura Infantil Brasileira.**

Desde logo nos surpreende o número ainda reduzido de especialistas no gênero, pois a maioria dos autores escrevem "também" para crianças. Dentre os autores atuais mais evidentes, destacamos:

**Cecília Meireles**, com seu maravilhoso livro de poesias "Ou isto ou Aquilo", um livro de beleza para as crianças, pelo seu jogo fônico, que é música e cor, movimento e ritmo que só ela poderia compor.

**Vinicius de Moraes**, com "A Arca de Noé", poemas infantis, cuja sonoridade e ritmo fazem dançar as imagens, saltando, muitas, vivas, animadas, de sua originalidade onomatopaica.

**Clarice Lispector**: suas obras são consagradas pelo seu valor e originalidade. Escreveu para crianças "O Mistério do Coelho Pensante", "A Mulher que Matou os Peixes". É bastante criticada em virtude de ações negativas em sua obra. Tem a seu favor a fluidez do estilo, a carga afetiva, a ternura.

**Raquel de Queirós** — estréia na Literatura Infantil com "O Menino Mágico", um livro que flui ao sabor das vivências infantis, numa linguagem simples, mas correta. Em seu livro há travessuras, fantasia, aventura e até mensagem informativa, contudo, sem haver deformações.

**Lúcia Pimentel Goes**, com "Reinações de Miche e Lucita" e "Miche e Lucita encontram Luzul", faz-nos retornar ao mundo maravilhoso da infância, num saudosismo adormecido em nosso subconsciente. Transmite suas mensagens com simplicidade, conduzindo, com muita habilidade, a criança ao dicionário, através do jogo das "palavras secretas". Suas histórias conduzem a criança à realidade da vida, sem nota trágica, mas sem falsear a realidade.

**Fernanda Lopes de Almeida** — Em sua história poema há mistura de Disney, Carrol e Lobato, completada com os requintados detalhes e a delicadeza da alma feminina. "Soprinho" é um mergulho mítico da poesia da natureza. em seu mistério poético, na mais profunda sondagem de suas belezas, que só os olhos que ainda conservam-se em "estado de graça", como os das crianças, podem ver; só elas podem ver o mais importante, o invisível aos nossos olhos, saturados de desencantos. "Soprinho" é um sopro de beleza, de graça e sabedoria lírica, mensagem que "cresce" se acreditarmos. ("Como é bonito o trabalho da Paz! / Fie finge que é grande. / Se a pessoa acredita, ele cresce mais. / Se não acredita, ele diminui.")

**Odete de Barros Mott**: Escreveu várias obras para crianças, fixando-se, ultimamente, no livro juvenil, com a coleção "Jovens do Mundo Todo". Entre outros, salientamos a obra "Justim, o Retirante", livro premiado, triste, porém construtivo. Seu realismo, tristeza e sua dramaticidade constituem uma grande mensagem social. Estilo agradável e interessante, prende-nos até o fim. Linguagem fluente, correta, poética, às vezes; simples e clara. Faltou-lhe certo realismo na linguagem nordestina (Natural do Sul).

Ainda, entre outros, cumpre citar Isa Leal (literatura juvenil para meninas-moças), Lília de Barros Malferrari, Camila Cerqueira César (valorizou até as máquinas), José Mauro de Vasconcelos (simplicidade e comovente ternura fizeram-no escritor para juvenis) e, neste ano, Mário Quintana estreou na Literatura Infantil, com seu livro de poesias realmente encantadoras.

Num levantamento de nossa Literatura Infantil, contaram-se, em 1936, 253 obras em português, editadas no Brasil e em Portugal; em 1943, o número já se elevava e, em 1955, chegou a 2.388, um testemunho do incremento que o gênero vai obtendo. Resta saber se o crescimento numérico está sendo acompanhado pela melhoria de produção.

Uma crítica justa da Literatura Infantil só pode ser feita pelas próprias crianças, com aquela ingenuidade com que se vêem as coisas no mistério que ainda não lhes foi revelado. A experiência dessa crítica é muito proveitosa. Assim, só no convívio com as crianças as conheceremos e poderemos saber como orientá-las.

Pesquisa realizada em vários grupos escolares de São Paulo, para averiguar quais os livros infantis e revistas mais lidas, na faixa etária dos 6 a 9 anos, têm revelado o seguinte:

**Livros mais lidos:** 1.º — Branca de Neve  
2.º — Bela Adormecida  
3.º — A obra de Lobato

**Revistas preferidas:** 1.º — Pato Donald  
2.º — Diversões Escolares  
3.º — Mickey

Como vemos, a nossa obra ocupa um melancólico terceiro lugar, o que atesta claramente o quanto ainda temos por fazer no gênero.

Já que as revistas em quadrinhos não podem mais ser contidas, cumpre-nos aperfeiçoá-las para que o menino possa, pelo menos, ler o que é nosso. Nesta atividade merece destaque o extraordinário Maurício de Sousa, criador de Mônica, Cebolinha, Bidu, Horácio, Penadinho, Chicó Bento, Magali, Zé Munheca, Fioquinho. Oxalá apareçam outros criando personagens brasileiros!

#### BIBLIOGRAFIA:

1. VASCONCELOS DE CARVALHO, Bárbara. *Literatura Infantil — Estudos*. Editora Lotus, São Paulo.
2. VASCONCELOS DE CARVALHO, Bárbara. *Compêndio de Literatura Infantil*. IBEP, São Paulo, 3a. Edição.
3. ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. Edições Melhoramentos, São Paulo.
4. COUTINHO, Afrânio. *Literatura Infantil*. In: *A Literatura no Brasil*, Volume 6. Editorial Sul América S.A., Rio de Janeiro, 2a. Edição, 1971.
5. TAVARES, Hênio da Cunha. *Literatura Infantil*. In: *Teoria Literária*. Editora Bernardo Álvares S.A., Belo Horizonte, 3a. Edição, 1967.